

BULLYING ENTRE ESCOLARES: UM ESTUDO DESCRITIVO NA CIDADE DE CRUZ ALTA/RS

Karine Bueno do Nascimento¹
Marília de Rosso Krug²
Fátima Terezinha Lopes da Costa³
Bianca Bueno do Nascimento⁴

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a prevalência de vítimas de *bullying*, suas características comportamentais e os sentimentos associados de estudantes de escolas públicas. Isto por que, o tema tem chamado a atenção de docentes em todo o país, sendo estas reflexões uma forma de contextualizar o cotidiano dos alunos sobre este aspecto, analisando os resultados obtidos com outros estudos na área que utilizaram a mesma metodologia. Para isso, utilizou-se o questionário da instituição inglesa *Kidscape*, tendo como entrevistados 459 alunos de ambos os sexos, matriculados de 5ª a 8ª série, em três escolas públicas estaduais da cidade de Cruz Alta-RS. Através dos dados obtidos, pode-se constatar que o *bullying* está presente nas escolas do município, tendo como reflexo alunos desmotivados para frequentar o ambiente escolar em virtude das agressões sofridas diariamente, dentre muitos outros aspectos discutidos no estudo. Diante disso, torna-se necessário um engajamento da comunidade escolar e por parte do Estado políticas públicas voltadas para o tema em questão.

Palavras-chave: Educação; Estudantes; Violência

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS. Endereço: Rua Alfredo Brenner 64. Cruz Alta/RS, Brasil. Tel:5584063878. E-mail: karinebueno20@hotmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS. Docente da Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta/RS. Endereço: Rua: Coronel Niederauer, 1537 apt 702 – Santa Maria/RS, Brasil. Tel:5591492701. E-mail: mkrug@unicruz.edu.br

³ Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS. Docente da Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta/RS. Endereço: Rua Barão do Rio Branco, nº 1078, apt. 01, Cruz Alta. E-mail: fcosta@unicruz.edu.br

⁴ Graduanda em Licenciatura em Educação Física pela Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta/RS. Endereço: Rua Alfredo Benner 64. Cruz Alta/RS, Brasil. Tel: 5581471107. E-mail: biancabueno20@hotmail.com

1 INTRODUZINDO A INVESTIGAÇÃO

A sociedade a cada dia que passa se torna mais agressiva. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002), a violência se tornou um dos principais problemas de saúde pública no mundo. No Brasil a violência que tem se presenciado é de magnitude e intensidade sem precedentes, sendo esta taxa maior até que em países em situação de guerra (SOUZA; LIMA, 2006).

Para Botelho e Souza (2007, p.59) “a violência é um mal a ser entendido sob uma óptica multifatorial”, pois segundo Cocco, Lopes e Peretto (2009) os fatores desencadeadores da brutalidade que se tem presenciado são diversos, dentre eles se encontram a desestruturação familiar, falta de políticas públicas voltadas para os jovens, carência de educação, insegurança, desemprego, desigualdade social, impunidade (sensação), ausência de valores. Machado (2006, p.30) salienta que: “as causas da violência, são múltiplas, sendo impossível destacar a existência de uma causa como a determinante.” Completando a linha de pensamento, Cocco, Lopes e Peretto (2009) fazem uma breve reflexão, enfocando que os fatores geradores de violência não podem ser estudados e discutidos separadamente, pois os mesmos se encontram interligados, isto é, o surgimento de um fator depende do outro, ou um gera o outro.

Em reflexo disso, a violência escolar tem aumentado cada vez mais. Segundo Fante (2005) a mesma tem aumentado em todos os níveis de escolaridade nas últimas décadas. De acordo com Lopes Neto (2005) o termo “violência escolar” significa todos os comportamentos agressivos e anti-sociais. Para a autora e Sposito (2001) as principais modalidades de violência no âmbito escolar são as ações contra o patrimônio e formas de agressão interpessoal, sobretudo entre os próprios alunos. A agressividade entre alunos, segundo Rodrigues, Assmar e Jablonski (2000, p. 206) pode ser compreendida “como qualquer comportamento que tem a intenção de causar danos físicos ou psicológicos em outro organismo ou objeto”. Para os autores o ato agressivo não precisa ser somente físico, podendo ser caracterizado como agressão através de apelidos com teor depreciativo, por exemplo. Desta forma um tipo de violência escolar que vem sendo cada vez mais estudada, devido às proporções que tem tomado, é o *bullying*.

A palavra *bullying* deriva da palavra inglesa *bully*, que, enquanto substantivo, significa valentão, tirano e, como verbo, brutalizar, tiranizar, amedrontar (GUARESCHI *et al.*, 2008).

Fante (2003) esclarece que por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de *bullying* possíveis, usa-se o termo em inglês.

Segundo Fante (2003, 2005) e Lopes Neto (2005) a definição do termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. De acordo com Longhi (2009, p. 22) as formas nas quais o *bullying* ocorre se resume em: “ofender, humilhar, bulir publicamente, machucar fisicamente, isolar, caçoar pela aparência física e pelas roupas que usa, insultar, abusar sexualmente e zoar pela etnia ou raça”. Conforme Guareschi *et al.* (2008, p.57) “o fenômeno *bullying* pode acontecer em qualquer ambiente em que ocorram relações entre pessoas”.

Nesse sentido, um olhar diferenciado sobre este fenômeno é de suma importância, visto que tais atos de violência interpessoal entre escolares poderão prejudicar todo um processo de desenvolvimento, podendo afetar consideravelmente o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, Chiorlin (2007) salienta que a capacidade de fazer amizades, de interagir e de se expressar também são prejudicadas, seja ela do agressor, vítima ou testemunha.

Considerando que o *bullying* é um problema mundial sendo encontrado em toda e qualquer escola (Associação Brasileira de Proteção a Multiprofissional Infância e Adolescência - ABRAPIA, 2004), alguns estados brasileiros já começam a mobilização legal para coibir a prática do *Bullying*, como é caso do Estado do Rio Grande do Sul onde foi sancionada a Lei nº 13.474, de 28 de junho de 2010, a qual dispõe sobre o combate da prática de “*bullying*” em instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos.

Então, torna-se necessário em vista dos argumentos apresentados, que todos que trabalham no ambiente escolar estejam capacitados para não só perceber os atos de *bullying* que ocorrem no cotidiano escolar, mas também de agir de forma eficaz, para que assim os atos de violência deixem de ocorrer não só dentro da escola, mas em todos os contextos nos quais os alunos estejam inseridos, isto é, que se reflita fora da escola. Para isso, faz-se necessário, profissionais preocupados e comprometidos com uma educação mais humana e igualitária.

Desta forma justifica-se este estudo que tem como objetivo analisar a prevalência de vítimas de *Bullying* entre os escolares de 5º a 8º série das escolas públicas estaduais da cidade de Cruz Alta (RS), identificando suas características comportamentais e os sentimentos associados. Assim, por questões éticas, busca-se contextualizar para a comunidade escolar a importância de um olhar diferenciado para fatos que acontecem no dia-a-dia neste contexto, possibilitando a criação de estratégias de intervenção que visem propiciar uma cultura da paz nas escolas.

2 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa transversal, retrospectiva, com enfoque descritivo. Para obtenção das informações utilizou-se os dados constantes no banco de dados do projeto de extensão da Universidade de Cruz Alta - RS “Programa de prevenção e intervenção no comportamento *Bullying* (ação e vitimização) nas escolas”. Este tem como objetivo diagnosticar, implantar e/ou implementar ações para o reconhecimento e a redução do comportamento agressivo (ação e vitimização) – *Bullying*, entre estudantes e sensibilizar educadores, famílias e sociedade para a existência do problema e suas consequências (COSTA, 2010).

O Projeto de extensão teve como participantes três escolas, entre as 18 escolas estaduais da cidade de Cruz Alta (RS), totalizando 459 escolares, de ambos os sexos, de 5ª a 8ª série, que foram selecionados aleatoriamente, correspondendo a um total de 15,17% de estudantes no ano de 2011.

O Instrumento utilizado para identificar a presença de *bullying* foi o questionário padronizado pela instituição inglesa *KidsCape* que há anos dedica-se ao tema. O mesmo é composto por 17 questões, sendo inicializado por perguntas que buscam saber se ao aluno já sofreu *bullying* e encerrando com questões que buscam identificar se o informante já cometeu *bullying*. Cabe salientar que por se tratar de um instrumento internacional, o mesmo foi adaptado para que fosse possível compreender a partir dele o cenário escolar brasileiro dentro desta perspectiva. Os dados foram tratados através da frequência simples e percentual.

O estudo foi realizado dentro dos padrões éticos conforme propõe a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta, no dia 26/09/2011 (CAAE, nº 0068.0.417.000-11).

3 REFLETINDO A REALIDADE ENCONTRADA

A identificação de *bullying* nas escolas pode se tornar uma tarefa difícil porque, segundo Fante (2005, p.49), “é necessário distinguir os maus-tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves”. O *bullying*, de acordo com Lopes Neto (2005, p. 165), caracteriza-se por “comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados tanto por professores quanto pelos pais”.

Neste sentido, Silva (2010b, p. 13) salienta que:

[...] é necessário entendermos que brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem a custa de outros que sofrem, isso ganha outra conotação, bem diversa de um simples divertimento. Nessa situação específica, utiliza-se o termo *bullying* [...]

Conforme Lopes Neto (2005) o *bullying* pode ser classificado em direto e indireto. O direto ocorre quando as vítimas são atacadas diretamente, como por exemplo: agressões físicas, ameaças e ofensas. O indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação, entre outros. As crianças e adolescentes, por sua vez, podem ser classificados de acordo com o seu envolvimento no *bullying*, tais como, alvos (vítimas), autores (agressores) e testemunhas (LOPES NETO, 2005; FANTE, 2005; GUARESCHI *et. al* 2008).

Nesta perspectiva, o primeiro resultado a ser apresentado corresponde à prevalência do fenômeno, em que se questionou se o aluno já tinha sofrido algum tipo de intimidação, agressão e assédio. Dos 459 alunos participantes da pesquisa, 242 (52,79%) responderam que sim. Destes casos, 138 (30%) se caracterizavam como *bullying*, devido a frequência com que ocorriam tais agressões, sendo 62 meninos (44,90%) e 76 (55,10%) meninas, pois os demais alunos (104) alegaram ter sofrido assédio/agressão somente uma vez e isto, segundo Moura, Cruz e Quevedo (2011, p.03) não se caracteriza como *bullying*, pois “um estudante é considerado vítima de *bullying* quando é repetidamente exposto a ações negativas de parte de um ou mais estudantes”.

Partindo desta premissa, o presente estudo obteve prevalência de 30% de *bullying* nas escolas investigadas. Ao comparar este resultado com os obtidos por Moura, Cruz e Quevedo (2011) - 17,6% e Nikodem e Piber (2011) - 19%, que respectivamente realizaram suas pesquisas em Pelotas-RS e Santa Maria-RS, nota-se que a prevalência no município de Cruz

Alta – RS é maior. No entanto, assemelha-se com o resultado obtido pela ONG Plan Brasil (FISCHER, 2010), que realizou seu estudo em âmbito nacional, o qual apontou que 28% dos alunos eram vítimas diárias de maus tratos por parte dos colegas.

Com relação à periodicidade, dos 138 alunos com características de estarem sofrendo *bullying*, 95 (68,80%) responderam ter sofrido as agressões diversas vezes, 24 (17,40%) quase todos os dias, 11 (8%) várias vezes ao dia, e 8 (5,80%) não responderam.

Ferrari *et al.* (2009), em sua pesquisa desenvolvida no município de Cáceres–MT, constatou que 56,76% dos alunos investigados tinha sofrido *bullying* diversas vezes, e somente 2,70% confirmaram ocorrer tais agressões quase todos os dias. A pesquisa realizada por Bandeira (2009), em Porto Alegre–RS, obteve um resultado de 11% na variável sofrer *bullying* quase todos os dias, estando estes resultados abaixo dos observados no presente estudo.

Embora as variáveis “sofrer *bullying* quase todos os dias ou várias vezes ao dia” tenham sido encontradas em menores porcentagens nos estudos apresentados, não são de menor importância, visto que em casos extremos, a vítima pode não encontrar outra forma de superar os traumas vivenciados diariamente, podendo recorrer ao suicídio (GUARESCHI *et al.*, 2008 e BANDEIRA, 2009).

Carvalho, Trufem e Paulo (2009) apresentam relato de um estudante sobre o que ele acha que pode acontecer com quem sofre *bullying* quase todos os dias ou várias vezes ao dia

Medo, porque de vez em quando acontece até todo dia então a pessoa já vem pro colégio um pouco assustada e acho que... tristeza, uma fraqueza, inferioridade porque ela não pode fazer nada contra todo mundo. Ela se sente inferior ao resto e um pouco também acho que... de raiva né? De vez em quando essa pessoa pode até vir a explodir e sair matando todo mundo como acontece até nos Estados Unidos como a gente vê (Aluno A, p. 31).

Devido a isso, o *bullying* ganha outro aspecto de preocupação, isto é, a idade de sua prevalência. Conforme Lopes Neto (2005, p.04) “é mais prevalente entre alunos com idades entre 11 e 13 anos, sendo menos frequente na educação infantil e ensino médio”. A idade em que prevaleceu o *bullying* neste estudo foi dos oito aos quatorze anos (119 – 86,20%); somente em 9 (6,50%) alunos o mesmo ocorreu com mais de 14 anos; 10 (7,20%) não responderam.

Santos (2010), em seu estudo realizado em Porto Alegre–RS, encontrou uma maior incidência de *bullying* nos alunos até os 14 anos. O mesmo aconteceu na pesquisa realizada por Ferrari *et. al* (2009), indo ao encontro dos dados desta pesquisa e ao da literatura.

Toguenetta e Vinha (2010) ao investigarem o fenômeno em um sexto ano do ensino fundamental e em um segundo ano do ensino médio no município de Campinas–SP, encontraram uma frequência de *bullying* maior entre os alunos do sexto ano do ensino fundamental (36,7%) em relação aos alunos do segundo ano do ensino médio (14%). Assim, neste estudo percebe-se uma diminuição da incidência de *bullying* com a progressão na escolaridade, entretanto, isso não significa que uma criança que sofreu *bullying* no ensino fundamental não seja a mesma que continua a sofrer no ensino médio.

Para isto, se torna importante saber em que local estes atos acontecem. No presente estudo, os atos de *bullying* ocorreram, na maioria das vezes, indo ou vindo da escola (52,2%), seguidos de na escola (29,70%), em outro lugar (13%) e os demais (5,10%) não responderam. Estes resultados são semelhantes aos encontrados por Espinheira e Jóluskin (2009), que dos 120 participantes de seu estudo, 52 (43,33%) afirmaram terem sofrido as agressões dentro da escola. Já Nikodem e Piber (2011) em estudo realizado com 1.516 alunos de escola públicas, do município de Santo Ângelo – RS, encontraram que a maioria das agressões aconteceram dentro de sala de aula, seguido por acontecerem no pátio da escola e indo e vindo da escola.

Conforme Cunha (2005) e Lopes Neto (2005), os estudos tem apontado que o *bullying* acontece onde não há supervisão de adultos. Entretanto, conforme os mesmos autores, alguns estudos mostram que é dentro da sala de aula, mesmo com a presença do professor que ocorre o *bullying*, como o encontrado no estudo de Nikodem e Piber (2011).

Com relação ao *bullying* ocorrer na presença dos professores, deve se levar em consideração as palavras de Lopes Neto (2005), já citadas anteriormente, as quais salientam que os atos de *bullying* são “tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados tanto por professores quanto pelos pais” (p.165).

O estudo realizado por Carvalho, Trufem e Paulo (2009) nos municípios de São Paulo e Campinas, no estado de São Paulo, encontraram que é nas aulas de Educação Física que mais ocorre o *bullying*, segundo a visão dos alunos. Entretanto, Carvalho e Pereira (2009) ressaltam que os casos de *bullying* acontecem tanto nas aulas de Educação Física quanto em outras partes da escola e disciplinas.

Outra variável estudada foi os tipos de *bullying* que os alunos alegaram sofrer. A forma verbal foi citada por 49 (35,50%) alunos, 40 (29%) sofreram mais de um tipo de *Bullying*, seguidos de outros com menor percentual como físico (18,10%), racista (8%), sexual (1,4%) e os demais (3,7%) não responderam.

De acordo com os escolares que responderam ao questionário, o modo verbal que envolve atitudes como colocar apelidos, ofender, humilhar e insultar foi o tipo de violência mais usada pelos agressores. Os estudos realizados por Bandeira (2009) e Nikoden e Piber (2011), seguiram pelo mesmo viés, onde respectivamente encontraram 61,1% e 25%. No entanto, estudo realizado por Barbosa (2010) encontrou que 55% dos alunos sofreram mais fisicamente o *bullying* e 35,15% de forma verbal. Sobre sofrer fisicamente o *bullying*, os resultados encontrados por Bandeira (2009) e Nikoden e Piber (2011) se assemelham a esse estudo, pois encontraram respectivamente, 12,5% e 15%.

Porém, há circunstâncias que as vítimas sofrem mais de um tipo de *bullying* ao mesmo tempo, geralmente é de forma verbal e física, como salienta Santos (2010, p.22) “dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de maus-tratos”. Estudo realizado por Ferreira e Junior (2011), no município de Goiatuba–GO com 63 alunos, evidenciou que 13% sofreram mais de um tipo de *bullying*. Sendo assim, acreditamos serem necessários mais estudos no Brasil com relação aos alunos sofrerem diversos tipos de agressões ao mesmo tempo, podendo, com isso, haver um diálogo mais aprofundado com relação a este aspecto.

Outro ponto que chamou a atenção foi para o racismo sofrido por 8% (11) dos alunos. Pode não parecer muito, mas em país onde discriminar pessoas pela cor da pele é crime, é muito preocupante saber que as crianças estão convivendo com isso dentro do ambiente escolar, tendo como agressores outras crianças.

Abrangendo a problemática, busca-se compreender os sentimentos das vítimas quando são agredidas. Para isto, os alunos foram questionados quanto aos sentimentos que lhes ocorria no momento das agressões. A maioria, 104 (75,40%) dos alunos responderam que se sentiram incomodados com as atitudes dos colegas, 32 (23,20%) não se incomodaram, e dois (1,40%) não responderam.

O mesmo aconteceu com o estudo realizado por Diório e Oliveira (2011) com 172 alunos da cidade de Cachoeiro de Itapemirim-ES, apontando que 50% dos alunos se sentem incomodados com as atitudes dos colegas, sendo os sentimentos diversos, desde ficarem tristes, sentirem-se culpados, vontade de fazer a mesma coisa com os agressores e raiva.

Ademais, Diório e Oliveira (2011) enfatizam que os sentimentos dos alunos quando acometidos pelo *bullying*, passam também por não se incomodar com as atitudes dos colegas, em que 35% dos alunos disseram não dar importância, assim como o estudo realizado por Bandeira (2009), o qual constatou que 31,8% não se incomodaram com as atitudes dos colegas. Cabe salientar que é necessária uma investigação sobre os motivos pelos quais os alunos não se sentem incomodados ou não dão importância para as atitudes dos colegas quando são agredidos.

Investigou-se também quais são as consequências das agressões para as vítimas, pois a maioria dos agredidos se sentiu incomodada com as atitudes dos colegas, Queriam que parasse e não queriam mais ir a escola foram as principais consequências sofridas pelos alunos com 52,90% e 13,80% respectivamente. Para 29,70% não teve consequências e os demais (3,60%) não responderam.

Nota-se que a maioria das vítimas desejava que os episódios de agressões parassem. Pesquisas realizadas na área, como a de Maciel e Finck (2010) em de Ponta Grossa-PR, com participação de 95 alunos do ensino fundamental, mostraram um percentual de 13,68% de alunos que não queriam mais que as agressões acontecessem.

Com relação aos alunos não desejarem mais frequentar a escola devido às agressões, estudos realizados pela ONG Plan Brasil (FISCHER, 2010), Santos (2010), Maciel e Finck (2010) encontraram os resultados, 4,6%, 2,85% e 2,1% respectivamente. Já outra pesquisa realizada por Nascimento, Nascimento e Camargo (2009), no município de Cruz Alta-RS, que teve como participantes 219 alunos, encontrou um percentual de 20% de alunos que disseram não querer mais frequentar as aulas por causa das agressões sofridas com o *bullying*. Todos os estudos aqui apresentados, sejam eles com menor ou maior percentual, trazem consigo uma preocupação, isto é, a evidência de que o *bullying* é um dos motivos da evasão escolar e isso é algo muito preocupante. Está aí a importância de conscientizar a sociedade de que algo visto como uma brincadeira por muitos, pode na verdade ser a razão de sofrimento de muitas crianças e jovens fazendo com que os mesmos deixem de querer ir à escola por esse motivo.

Ser transferido de escola é algo almejado tanto pelas vítimas de *bullying* como pelas testemunhas, pois procuram paz para estudar sem ter que lidar com valentões e agressões de todo tipo. Segundo Lopes Neto (2005) a evasão escolar pode ser tanto pelas vítimas quanto pelas testemunhas, que se sentem exaustos pelas agressões que sofrem ou veem seus colegas

sofrer no dia-a-dia no ambiente escolar. Assim a saída de escape é geralmente a troca de escola, no entanto, o problema em si não foi resolvido, pois os agressores continuarão como agressores e as outras vítimas continuarão a existir. Quando não conseguem trocar de escola, a mentira começa a fazer parte da vida destes estudantes (vítimas e testemunhas), pois ao ter como objetivo fugir de um ambiente conflituoso os alunos começam a inventar as mais diversas desculpas para não irem à escola (SILVA, A. 2010).

Entretanto, independente do papel que o aluno exerça no *bullying*, há consequências para todos. Conforme Fante (2005) as consequências para as vítimas geralmente são de desinteresse pela escola, dificuldade na aprendizagem e concentração, que por sua vez provoca queda no rendimento, evasão escolar e uma enorme dificuldade de se relacionar com outras pessoas. Entretanto, estas consequências vão além do ambiente escolar, como salienta Souza (2008), onde as vítimas se tornam cidadãos estressados, deprimidos, com baixa auto-estima, podendo ocasionar doenças psicossomáticas e transtornos mentais. Além disso, em casos extremos, a agressão pode levar a vítima a cometer suicídio ou até mesmo planejar a morte de seus agressores.

Já para os agressores, segundo Santos (2007, p.18), “as consequências geralmente são distanciamento e falta de adaptação aos objetivos escolares, e futuramente apresentam condutas violentas e delinquentes na vida adulta”. De acordo com Castagnazzi *et al.*; (2007) os agressores podem se tornar pessoas que na vida adulta acreditam que a única saída para resolver problemas é através da força. Ou seja, tem dificuldade de respeitar leis, e conseqüentemente dificuldade de se controlarem, tomando atitudes anti-sociais. Silva (2010b) e Guareschi (2008) concluem afirmando que há fortes indícios de que as crianças ou adolescentes que praticam o *bullying* tenham grande tendência de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais, psicopáticos e/ou violentos, tornando-se inclusive delinquentes ou criminosos.

As testemunhas, por sua vez, tendem a se sentir inseguras e ansiosas. Ainda podem apresentar atitudes tais como: hiperatividade, desordem de conduta, déficit de atenção, o que pode prejudicar seu processo sócio-educacional (SANTOS, 2007; CASTAGNAZZI, 2007). Nesse sentido, Guareschi *et al.* (2008, p. 67) completa:

[...] os sentimentos de ansiedade, insegurança e temor também permeiam as testemunhas, fazendo com que o ambiente escolar seja repleto de desconfianças podendo influenciar suas relações sociais futuras, tornando-os adultos desconfiados e temerosos em suas relações devido à projeção desta desconfiança.

Sabendo o quanto são conflituosas as consequências para todos os envolvidos no *bullying*, o presente estudo investigou se as vítimas buscaram ajuda para poder sanar e superar o que vem ocorrendo em suas vidas, sendo então questionadas se haviam contado para alguém o que estava acontecendo com elas no ambiente escolar. A maioria 114 (82,60%) afirmou que contou para alguém sobre o que vinha acontecendo, sendo os pais a quem eles mais recorreram (34,80%), porem 17,40% não haviam contado a ninguém (tab. 1).

Tabela 1 – Para quem contou quando sofreu *bullying*

Para quem contou	Frequência	%
Aos pais	48	34,80
A todos	25	18,10
Não contou a ninguém	24	17,40
Aos professores	23	16,70
Aos amigos e irmãos	17	12,30
Não respondeu	1	0,70
Total	138	100

Pesquisa realizada por Avilés e Monjas (2005 *apud* SILVA; VINHA (2011) encontraram resultados exatamente iguais ao deste estudo, onde 82,60% das vítimas contaram para alguém que vinham sofrendo *bullying* e 17,40% não contaram para ninguém. Entretanto, os estudos se diferenciam no que diz respeito a quem eles contaram, pois segundo o estudo de Avilés e Monjas (2005, *apud* SILVA; VINHA (2011) a maioria recorreu a amigos (43,1%), sendo os pais a quem eles recorrem em segundo lugar (29,31%), seguidos pelos professores (10,34%).

Já o estudo feito por Barbosa (2010), em São Cristovão (SE), com a participação de 110 alunos, somente 30% das vítimas contou a alguém que vinha sofrendo *bullying*, o que discorda do presente estudo. Com relação a quem contou, a maioria contou aos professores (33%), seguido pelos pais (24%), o que também discorda do presente estudo, onde os pais foram a quem os alunos mais recorreram para contar que vinham sofrendo *bullying*.

Observado neste estudo que algumas crianças não contavam para ninguém o que estavam sofrendo, buscou-se investigar os motivos que levam uma criança ou adolescente a

sofrer calada, não buscando ajuda daqueles que tem o dever de lhes proteger, sejam eles quem forem, pois conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), destacando-se o art. 70: “É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente (p.19)”. Diante disso, se um aluno vier falar ou relatar um incidente de *bullying*, como testemunha ou vítima, a primeira e mais importante ação é saber ouvir (BARROS; CARVALHO; PEREIRA, 2009. p. 17).

Sobre os motivos que levaram os alunos a não contarem, 12 (50%) alunos afirmaram que não contaram por que haviam sido ameaçados por seus agressores, 5 (20,80%) por vergonha, 2 (8,40%) por medo do agressor, e 5 (20,80%) não responderam. Com relação a este aspecto não foram encontrados estudos que o analisassem em percentual. No entanto, conforme Barbosa (2010, p.10), os motivos que levam os alunos a não contarem que sofrem *bullying* são o medo dos agressores ou porque foram ameaçados, como pode ser retratado nas frases obtidas pelo autor em seu estudo: “Porque fiquei com medo do agressor” e “não contei por que eles disseram que iam me matar”.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à vergonha que o aluno sente ao contar que é vítima de *bullying*. Como descreve Thomé (2011), a violência sofrida pelo aluno poderá levá-lo a ter vergonha de contar para seus pais, pois para ele isto poderá ser visto pelos seus familiares como ele sendo alguém sem capacidade. Na mesma linha de pensamento Silva (2010a, p.34) salienta que:

As vítimas de *bullying* se tornam reféns do jogo do poder instituído pelos agressores. Raramente elas pedem ajuda às autoridades escolares ou aos pais. Agem assim, dominadas pela falsa crença de que essa postura é capaz de evitar possíveis retaliações dos agressores e por acreditarem que ao sofrerem sozinhos e calados, pouparão seus pais da decepção de ter um filho frágil, covarde e não popular na escola.

Desta forma investigou-se qual era o sexo do(s) agressor(es), tendo como resultado que a maioria dos agressores era do sexo masculino (79 – 57,20%), seguido pelo sexo feminino (28 – 20,30%) e em algumas circunstâncias eles eram agredidos por ambos (27 – 19,60%).

Os pesquisadores Diório e Oliveira (2011) também encontraram dados em que as agressões são realizadas principalmente pelo sexo masculino (72%), seguido por ambos os sexos (23%) e por último pelas meninas (5%). Estudo realizado por Ferrari *et al.* (2009), encontrou que 27,03% dos agressores são de ambos os sexos.

Estes estudos, assim como outros realizados, desmistificam que o *bullying* é provocado somente por meninos, o que se pensava até pouco tempo (SILVA, 2010), isto porque os modos como agem meninos e meninas são diferentes. Segundo Fante (2003), meninas agem de modo mais cauteloso e/ou camuflado, isto é, realizam comentários maldosos, espalhando rumores com a finalidade de isolar e interromper vínculos de amizade que sua vítima possui. Sendo assim, a exclusão social é a principal arma utilizada pelas meninas, embora alguns estudos relatem que meninas estão se tornando, nos últimos tempos, fisicamente mais agressivas (LONGHI, 2009). Já os meninos são mais ofensivos fisicamente e expansivos. Portanto, suas ações são mais fáceis de identificar: eles chutam, gritam, empurram, batem, e, em muitos casos, o fazem na frente de todo mundo (GUARESCHI *et al.*; 2008).

Este estudo pretendeu ainda analisar a opinião dos alunos sobre o que eles pensam de quem pratica estes atos violentos, de quem era a culpa e se os mesmos já haviam praticado o *bullying*. Para isto, todos os alunos participantes do estudo, independente de terem sofrido *bullying* ou não, foram questionados com relação a estes aspectos.

Sobre o que os alunos pensam de quem pratica o *bullying*, a maioria afirmou não gostar de quem pratica esse tipo de intimidação, agressão ou assédio, seguido por alunos que não pensam nada (tab. 2), o que pode demonstrar a banalização da violência não só na escola, mas na sociedade como um todo.

Tabela 2 – O que você pensa de quem pratica o *bullying*:

Pensa sobre os agressores	Frequência	%
Não gosto deles	226	49,20
Não penso nada	112	24,40
Tenho pena deles	53	11,50
Gosto deles	8	1,70
Não responderam	60	13,20
Total	459	100

Estudo realizado por Nikodem e Piber (2011) sobre esta mesma variável se assemelha ao do presente estudo, visto que aponta que 47,07% dos alunos dizem não gostar dos colegas que o praticam. Com relação a gostar de quem lhe agride ou agride outras pessoas, o estudo

realizado por Nikodem e Piber encontrou que 2,01% dos participantes gostam dos agressores, o que se assemelha com o encontrado nessa pesquisa (1,70%).

Questionados então de quem era a culpa para essas intimidações, agressões ou assédios, a maioria apontou ser do próprio agressor. Um percentual menor, mas não menos importante, afirmou que a culpa pelas agressões é da vítima (tab.3):

Tabela 6 – Culpa pelo *bullying* ocorrer:

Culpa	Frequência	%
De quem agride	226	49,20
Dos pais dos agressores	116	25,30
Não responderam	72	15,70
De quem é agredido	23	5,00
Da direção da escola	17	3,70
Dos professores	5	1,10
Total	459	100

A culpa pela violência ocorrer conforme o estudo de Silva (2010) em Cáceres–MT, com 386 alunos, também encontrou como sendo do próprio agressor/intimidador (37,6%), dos pais (24,4%), de quem é agredido (7%), da direção da escola (2,8%) e finalmente dos professores (0,5%). Estes resultados se assemelham com os obtidos nesse estudo, com exceção da variável “de quem agride”, pois o resultado é superior ao encontrado na presente pesquisa.

Do ponto de vista de Souza (2008, p.35) “todos os envolvidos no *bullying* tem sua parcela de culpa, seja ele os pais, a escola e a própria criança”, e devem buscar soluções para evitar que este fenômeno continue a alcançar proporções alarmantes, pois em algumas famílias a violência faz parte de seu cotidiano. Segundo Grossi *et al.* (2006, p.03):

O comportamento agressivo de várias crianças no ambiente escolar pode ser uma resposta a comportamentos agressivos que sofrem dos pais ou de qualquer ambiente em que convivem continuamente, demonstrando apenas que sofreram as influências das agressões sofridas e que aprenderam a se defender observando o tratamento de outros dados a ela mesma.

Como descrito por Souza (2008), é na escola onde a criança pratica o que observa e vivencia em casa. Por sua vez a escola deve ser capaz de intervir de forma eficaz no combate

à violência, buscando agregar pais e escola no combate ao *bullying*, assim como os pais devem propiciar uma vida de qualidade aos seus filhos. Portanto, cabe a todos os envolvidos não buscar um culpado, mas sim uma solução.

Ao responder se já haviam praticado o *bullying*, os motivos que levaram os escolares a fazer isso e como se sentiram após praticá-lo, dos 459 alunos entrevistados, 315 (68,60%) responderam que nunca o haviam praticado, 124 (27%) responderam que já tinham praticado, e 20 (4,40%) não responderam. Percebe-se que é parecido ao número de alunos que sofrem *bullying* (30%) para os que o praticam (27%), sendo que neste caso podemos estar presenciando um ciclo-vicioso de agressões. Ou seja, em alguns casos as vítimas de *bullying* são agressoras também. Este perfil é considerado vítima/agressora, sendo que ora sofre, ora pratica *bullying* (SILVA. A., 2010b), podendo ter como consequência o estabelecimento de um ciclo-vicioso de agressões.

Estudo feito por Togneta e Vinha (2010) em duas escolas, sendo uma pública (27%) e outra privada (21%), assumiram que são praticantes de *bullying*, sendo que o resultado da escola pública é exatamente igual ao encontrado neste estudo. Como descrito por Jorge (2009), há poucos estudos relacionando o *bullying* em escolas particulares, tendo em vista que as mesmas dificultam a entrada de pesquisas deste gênero, ou tendem a ser abafadas, pois caso ocorra constatação da presença de *bullying*, poderia gerar uma imagem negativa à instituição o que consequentemente afastaria seus clientes, neste caso os alunos.

Silva, A. (2010^a) salienta que é nas escolas públicas que há um engajamento mais eficaz na luta contra o *bullying*, uma vez que elas contam com orientações mais padronizadas e trabalham concomitantemente com os Conselhos Tutelares e a Delegacia da Criança e do Adolescente. Mas, independente de qual seja o provedor da escola, ela é corresponsável por estas ações dentro do seu âmbito, e a investigação para descobrir quem são os autores fazem parte de um projeto que visa criar ações *antibullying* no ambiente escolar.

Pereira (2002, *apud* BARROS; CARVALHO; PEREIRA, 2009) constatou que dos 3341 alunos participantes de sua pesquisa, 15,4% eram autores de *bullying*, a ABRÁPIA (2004) em sua pesquisa apontou que 12,7% eram autores de *bullying*. Estes dois últimos estudos discordam do presente estudo (27%) com relação à quantidade de alunos autores. Entretanto, isso demonstra que independente de quantidade, há alunos que praticam o *bullying* diariamente, os quais também necessitam de apoio por parte da escola.

Com relação aos motivos alegados para agredirem os colegas, às provocações que vinham sofrendo, seguido por não terem motivos para agredir alguém e “fofoca” foram as mais apontadas com 45,9%, 24,2% e 8,1% respectivamente. Os demais (21,8%) não responderam.

Os motivos alegados para a realização das agressões são diversos. Segundo Nunes, Consulin e Amorim (2011), em seu estudo realizado em Curitiba-PR, com 266 alunos as razões alegadas pelos autores foram “vingança” (39%) e “reação à provocação” (33%). Este estudo não se assemelha à presente pesquisa, visto que o resultado encontrado para a variável provocação foi de 45,9%, já a variável vingança não foi pesquisada neste estudo. No estudo realizado por Silva Junior (2007) em Florianó-PI, que contou com a participação de 91 alunos, 53% afirmaram que agrediram alguém por serem provocados.

Conforme Abrapia (2004), uma das características dos agressores é não saber os motivos que o levam a praticar o *bullying*, ou seja, as agressões acontecem sem motivo, ou os motivos para tais ações não estão claros. Os achados de Bandeira (2009) em seu estudo apontam que 20,3% dos autores não sabem os motivos pelos quais agredem, o que se equipara a esse estudo. Para Cunha (2005) e Jorge (2009) o agressor tem como finalidade, através do *bullying*, tornar-se popular, sentindo-se assim poderoso e seguro perante aos demais colegas. Além disso, as testemunhas podem se tornar agressoras em potencial, visto que quando o agressor continua impune, a testemunha pode acreditar que a violência é o caminho eficaz e mais rápido para alcançar a popularidade.

Além disso, se observa, conforme a tabela 7, que após agredirem algum colega 69 (55,60%) sentiram-se muito chateados, 39 (31,50%) se sentiram normais, 13 (10,50%) fortes e três (2,40%) não responderam.

Em relação aos sentimentos dos agressores, Diório e Oliveira (2011) encontraram que 53% se sentem culpados após agredirem; já Bandeira (2009) constatou que 35,9% acham engraçado, 24,4% sentiram-se mal, 18,7%, porque fariam o mesmo comigo, 13,4% não sentiram nada, 12,6% eles mereciam e 6,1% sentiram medo. Percebe-se então uma banalização da violência, pois após agredirem os colegas, os mesmos assumiram acharem engraçado, sentindo-se fortes.

Todos os estudos aqui apresentados, quando relacionados aos resultados obtidos pela presente pesquisa, tiveram como propósito uma análise geral de todo o território brasileiro, onde se observa que embora com mais ou menos percentuais o *bullying* encontra-se em todas

as escolas, pois no decorrer de toda esta pesquisa não foi encontrado nenhum estudo que revelou o contrário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos evidenciou-se a presença de *bullying* nas escolas públicas estaduais do município de Cruz Alta – RS, com prevalência de 30%, sendo o sexo feminino que mais sofreu *bullying*, e o sexo masculino o que mais o acometeu. O modo mais utilizado para agredir os colegas foi o modo verbal, sendo que tais episódios ocorreram principalmente indo ou vindo da escola.

A maioria dos alunos não queria que tais episódios de violência acontecesse. Além disso, relataram não querer mais conviver no mesmo ambiente que seus agressores. Para isso as vítimas recorreram aos seus pais, relatando o que acontecia no seu cotidiano escolar, a fim de sanar tais problemas. No entanto, encontrou-se alunos que não buscaram auxílio para tal, sendo que os mesmos alegaram que haviam sido ameaçados por seus agressores.

Além disso, a maioria dos alunos acredita que a culpa pelas agressões sofridas é dos próprios agressores. Some-se a isso o fato de que 27% do total de alunos investigados afirmaram que já haviam praticado ou praticam o *bullying*. Os motivos alegados para tal foram, majoritariamente, porque sofriam provocações.

Em virtude dos resultados obtidos nesse estudo, é fundamental que todos reflitam e busquem um caminho para ser trilhado por suas comunidades escolares, visando à conscientização sobre o *bullying*, pois este pode afetar a estruturação da personalidade dos alunos, refletindo consequentemente em toda sua vida. Desta forma, salienta-se a importância de políticas públicas voltadas a estas questões, no que tange à formação de professores, incentivos a programas de prevenção e combate a qualquer tipo de violência escolar.

Destacamos isto por que, cabe ao Estado tais obrigações. No entanto, apesar de vários estudos comprovarem que *bullying* não é “coisa” normal da idade, ainda não existe nenhuma lei federal de combate ao *bullying*, sendo que tais leis estão dispersas pelo país, ficando a cargo de alguns Estados e municípios que já a decretaram.

Portanto, o primeiro passo cabe ao Estado em criar políticas públicas voltadas e realmente colocadas em prática no que se refere às questões de violência escolar. Em seguida cabe à família prestar mais atenção no seu próprio comportamento, pois ele reflete nos seus

filhos, sendo que as atitudes adotadas por crianças e adolescentes na escola partem do que elas convivem em casa. Com relação às escolas, todos que trabalham neste ambiente (direção escolar, professores e funcionários) devem buscar saber o que ocorre dentro dos muros da escola nas questões atitudinais, não se importando somente com seus conteúdos didáticos.

Recomenda-se então um engajamento de toda a comunidade escolar na luta contra o *bullying*. Para isso é necessário enfrentá-lo com a preocupação que o mesmo merece. Sem dúvida, solucioná-lo não é tarefa fácil. É necessário que todos estejam empenhados na luta contra o *bullying* para que as crianças possam conviver em um ambiente que lhes proporcione todas as condições para um crescimento e aprendizagem saudável, seja ele na sua casa ou na escola.

Para isto, a sociedade deve estar ciente da importância do tema, pois, conforme Lopes Neto (2005, p.170) “enquanto a sociedade não estiver preparada para lidar com o *bullying*, serão mínimas as chances de reduzir as outras formas de comportamentos agressivos e destrutivos”. Sendo a violência um dos males da nossa sociedade, é obrigação de todos combatê-la da maneira como for possível, pois se não conseguirmos fazer com que as crianças convivam umas com as outras de maneira harmoniosa e respeitosa dentro da escola como podemos sonhar e almejar que se tornem cidadãos de bem no futuro?

BULLYING BETWEEN SCHOOL: A DESCRIPTIVE STUDY ON CITY CRUZ ALTA / RS

Abstract

This study aimed to examine the prevalence of bullying victims, their behavioral characteristics and the associated feelings of public school students. This is why the issue has drawn the attention of teachers across the country, and this work is a way to contextualize the daily lives of students on this aspect. For this, we used the questionnaire from English institution Kidscape, as having interviewed 459 students of both sexes, enrolled from 5th to 8th grade in three public schools in the city of Cruz Alta-RS. Through the data obtained, it can be seen that bullying is present in the local schools, with the reflection unmotivated students to attend the school environment because of these daily abuses, among many other aspects discussed in the study. Given this, it is necessary engagement of the school community and by the state public policies aimed at the topic at hand.

Keywords: Education; Students; Violence

***BULLYING (INTIMIDACIÓN) ENTRE LA ESCUELA. UN ESTUDIO DESCRIPTIVO
EN CRUZ ALTA/RS***

Resumen

Este trabajo tuvo por objetivo el de analizar la prevalencia de víctimas de *bullying* (*intimidación*), sus características comportamentales y los sentimientos asociados de estudiantes de escuelas públicas. Eso todo porque el tema ha llamado la atención de docentes en todo el país, siendo este trabajo una forma de contextualizar el cotidiano de los alumnos sobre este aspecto. Para ello, se utilizó el cuestionario de la institución inglesa *Kidscape*, teniendo como entrevistados a 459 alumnos de ambos sexos, matriculados de 5ª a 8ª serie, en tres escuelas públicas estatales de la ciudad de Cruz Alta–RS. A través de los datos obtenidos, se puede constatar que el *bullying* está presente en las escuelas de la municipalidad, teniendo como reflejo de eso a alumnos desmotivados para asistir al ambiente escolar, en virtud de las agresiones sufridas a diario, entre muchos aspectos discutidos en el estudio. Delante de eso, se hace necesario un comprometimiento de la comunidad escolar, y por parte del Estado, adoptar políticas públicas volcadas al tema en cuestión.

Palabras clave: Educación; Estudiantes; Violencia

REFERÊNCIAS

ABRAPIA, Associação Brasileira Multidisciplinar de Proteção a Infância e a Adolescência. 2004. Disponível em: <http://www.abrapia.org.br>. Acesso em: 28 abr 2011.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes. *Bullying: auto-estima e diferença de gênero*. 2009. 69f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

BARBOSA, M.B.A. *Manifestações de violência em uma escola estadual: o fenômeno bullying*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 4., 2010. Laranjeiras. **Anais...** ISSN 1982-3657. 2010.

BARROS, Paulo Cesar; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira. Um estudo sobre o *bullying* no contexto escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. III. ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. 3., 2009. **Anais...** Paraná: PUCPR, 2009. p. 5738-57.

BRASIL. *Estatuto da Criança e Adolescente*. 1990. Disponível em: <http://www.criancanoparlamento.org.br/sites/default/files/eca.pdf>. Acesso em: 05 dez 2011.
BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José Maurício. *Bullying* e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*. 139:58-70.2007.

CARVALHO, Gabriel; PEREIRA, Sissi Martins. *Bullying* e gênero nas aulas de educação física. In: CONGRESSO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 13, 2009, Jundiaí. **Anais...** Jundiaí: Universidade Anchieta, 2009.

CARVALHO, Márcia Regina; TRUFEM, Sandra Farto Botelho; PAULO, Regiane Aparecida Cardoso. O '*bullying*' entre adolescentes: estudo de caso em duas escolas particulares nas cidades de São Paulo e Campinas. *Pesquisa em Debate*, edição especial, 2009.

CASTAGNAZZI, Cláudia. *et al. Bullying: consequências para a saúde dos estudantes*. 2007. 16 f. Relatório Final - Universidade de São Paulo, 2007.

CHIORLIN, Marina de Oliveira. *A influência do bullying no processo ensino-aprendizagem*. São Carlos, 2007.

COCCO, Marta; LOPES, Maria Julia Marques; PERETTO, Marcele. Violência e acidentes: concepções de jovens vítimas desses agravos. *Ciência Cuidado Saúde*. Abr/Jun; 8(2):228-235, 2009.

COSTA, Fátima Terezinha Lopes. Programa de prevenção e intervenção no comportamento *Bullying* (ação e vitimização) nas escolas. In: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. 2010. Cruz Alta. **Anais...** Cruz Alta: Projeto PIBEX – Universidade de Cruz Alta, 2010.

CUNHA, Ana Paulo Marinho. *Bullying: Descrição e comparação de práticas agressivas em modelos de recreio escolar entre crianças do 1º ciclo*. 2005. 182f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto). Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto. Porto, 2005.

DIÓRIO, Palmiana Lovati; OLIVEIRA, Ricardo Daher. A intervenção psicopedagógica nas relações interpessoais entre os alunos: uma pesquisa sobre o *bullying* na escola de ensino fundamental de Cachoeiro de Itapemirim. *Revista Científica Indexada Linkania Júnior*, ano 1 - N° 1. p.1-30 - set/out 2011.

ESPINHEIRA, Filipa; JÓLLUSKIN, Glória. Violência e *Bullying* na escola: um estudo exploratório no 5º ano de escolaridade. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. 2009. 106-125.

FANTE, Cleonice. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, Cleonice. *Fenômeno Bullying*. São José do Rio Preto, São Paulo: Ativa, 2003.

FERRARI, Rogério. *et al. Bullying: estudo avaliativo em um contexto escolar na cidade de Cáceres, MT*. In: VI SEMINÁRIO DIREITOS HUMANOS NO SÉCULO XXI. 6, 2009, Marília. **Anais...** Marília: UNESP, 2009.

FERREIRA, Patrícia Borges; JUNIOR, Roosevelt Leão. *O bullying em programas de educação de jovens e adultos e as aulas de educação física*. 2011. Disponível em: <http://anaisdosimposio.fe.ufg.br/uploads/248/original_Patrícia_Borges_Ferreira_e_Roosevelt_Leão_Junior.pdf>. Acesso em: 10 nov 2011.

FISCHER, Maria Rosa (Coord.) *Bullying escolar no Brasil relatório final*. 2010. Disponível em: <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Arquivos/pesquisa-bullying_escolar_no_brasil.pdf>. Acesso em: 31 set 2011.

GUARESCHI, Pedrinho. *et al. Bullying: mais sério do que se imagina*. 2º ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 99f.

GROSSI, Patricia Krieger. *et al. A Construção da Cultura de Paz como uma Estratégia de Superação da Violência no Meio Escolar: impasses e desafios*. **Educação**. Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 2 (59), p. 415 – 433, Maio/Ago. 2006.

JORGE, Samia Dayana Cardoso. *O Bullying sob o olhar dos educadores*. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.

LOPES NETO, Aramis. *Bullying: o comportamento agressivo entre os estudantes*. *Jornal de Pediatria* – Vol.81, N° 5 (supl), 2005.

LONGHI, Graciele Tavares. *Bullying: violência no âmbito escolar*. 2009. 56 f. Monografia (Graduação) – Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, 2009.

NASCIMENTO, Karine Bueno; NASCIMENTO, Bianca Bueno; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. *Bullying nas escolas*. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. 1, 2009, Cruz Alta. **Anais...** Cruz Alta: UNICRUZ, 2009.

NIKODEM, Samara; PIBER, Lizete Dieguez. *Estudo sobre o fenômeno bullying em escolas de ensino fundamental e médio da região noroeste do RS*. *Vivências: Revista eletrônica de extensão da URI*. Vol.7, N.12: p.105-121, Maio/2011.

NUNES, Mayara; CONSULIN, Eleiane; AMORIM, Cloves. *Um estudo sobre a incidência de bullying na cidade de Curitiba*. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 5, 2011, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá. 2011.

MACIEL, Marilis Balzer; FINCK, Silvia Christina Madrid. *O esporte educacional como mediador na prevenção da violência e do bullying no contexto escolar*. 2010. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1575-8.pdf>>. Acesso em: 15 nov 2011.

MACHADO, Nara Borgo Cypriano. Violência urbana: uma reflexão sob a ótica do direito penal. *Revista da Faculdade de Direito de Campos*, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 7, n. 8, p. 429-462, jan./jun. 2006.

MOURA, Danilo Rolim; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. *J. Pediatr. (Rio J.)* vol.87 no.1 Porto Alegre Jan./Feb. 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Relatório Mundial de Violência e Saúde*. Genebra, 2002, p. 380. Disponível em: www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf. Acesso em: 07 nov 2011

RIO GRANDE DO SUL. Decreto Lei nº 13.474, de 28 de junho de 2010. *Diário Oficial do Estado nº 121*. Rio Grande do Sul, p.2.

RODRIGUES Aroldo, ASSMAR Eveline Maria Leal, JABLONSKI Bernardo. *Psicologia social*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, Miguel Angelo do Nascimento. *O impacto do bullying na escola*. 2010. 100f. Monografia (Graduação). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas departamento de Sociologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SANTOS, Luciana Pavan Ribeiro. *O papel do professor diante o bullying em sala de aula*. 2007. 56 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. 2010. *Bullying: escolas privadas são as mais omissas*. Extraclasse, Porto Alegre, setembro de 2010, ano 15, número 147. 5p.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mentes Perigosas nas escolas – Bullying*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 186f.

SILVA JUNIOR, Nelson Pereira. *O Bullying nas escolas sob a perspectiva dos estudantes de Floriano-PI: um estudo preliminar*. *Psicopedagogia: Educação e Saúde*. 2007.

SILVA, Leticia Paola Almeida. *Bullying: um problema mundial no cotidiano de estudantes do interior do estado de mato grosso - Cáceres MT*. In: VI SEMINÁRIO DIREITOS HUMANOS NO SÉCULO XXI. 6, 2010, Marília. *Anais...* Marília: UNESP, 2010.

SILVA, Monica da Silva; VINHA, Telma Pileggi. *Bullying na escola: uma reflexão sobre suas características*. 2011. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/coppem/wp-content/uploads/2011/08/46-monica-valentin.pdf>>. Acesso em: 23 nov 2011.

NASCIMENTO, K. B. et al.

SOUZA, Adriana Pires. *Bullying escolar – uma realidade ainda desconhecida*. 2008. 51 f. Monografia (Graduação) - Centro Universitário do Distrito Federal, Brasília, 2008.

SOUZA, Edinilsa Ramos; LIMA, Maria Luiza Carvalho. Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais. *Ciênc. saúde coletiva* vol.11 suppl.0 Rio de Janeiro. 2006.

SPOSITO, Marilia Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa* v.27 n.1 São Paulo jan./jun. 2001.

THOMÉ, José. Entrevista da equipe editorial sobre violências, *bullying* e orientações aos educadores. *Constr. psicopedag.* vol.19 no.18 São Paulo 2011.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Até quando? *Bullying* na escola que prega a inclusão social. *Educação*, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 449-464, set./dez. 2010.

Data de recebimento: 01/03/2012

Data de aceite: 05/06/2013